

3
✓1

A QUESTÃO

DOS

Serviços de S. Thomé

CARTA DE A. FREIRE D'ANDRADE

EDIÇÃO

DA

AGENCIA COLONIAL, L.^{da}



LISBOA

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial

Praça dos Restauradores, 27

1913

195258

Sir :

Again you, who are generally regarded as an upright and straightforward man, return to your attack on Portugal, in your letter published in «*The Nineteenth Century Review*». If it is correct, as I am told, that you are not moved in this campaign against my country by reasons other than honest, I am sure you will recognise the truth as I am going to explain it, and will accord it the wide publicity that has been given to your letter; if it is not correct, I shall only have to regret that I have wasted my time on one who so little deserves my attention.

A fact that everybody admits, no matter how widely they may differ in opinions, is that the Native never willingly works, and can easily avoid doing so because he has but few necessities in life. Reinsch (vide «*Colonial Administration*», p. 358) says: «Life in the tropics is so easy, necessities are procured with so little, that the natives have not generally been accustomed to steady toil». It is due to this fact that every colonising country has tried by various methods, either direct or indirect, to get them to work. We have to consider, in the first place, taxation, vagrancy laws, and labour contracts, and, in the second, forced labour and slavery. This last-named is punished by all the civilised States, including Portugal. If any transgression of the law is drawn attention to within our territories, the offenders are punished with the utmost severity. We proceed on similar lines to those adopted by Great Britain in relation to its territories, and breaches of the law are treated in

Ex.^{mo} Sr.

Volta V. Ex.^a, que todos me dizem ser um homem honesto e de boa fé, a atacar Portugal na sua carta publicada na revista *Nineteenth Century*. Se é verdade o que me dizem, se V. Ex.^a, na campanha que vem fazendo contra o meu paiz, não é movido por motivos deshonestos, decerto deverá reconhecer a verdade do que vou dizer-lhe e dar a esta carta a mesma publicidade que deu á sua; se assim não fôr, só terei o pesar de ter perdido o meu tempo com quem tão pouco o merecia.

Um facto que toda a gente reconhece, qualquer que seja o seu modo de pensar, é que os pretos não são amigos do trabalho, e a elle sem difficuldade se esquivam porque não teem necessida-des. Como diz Reinsch, (*Colonial Administration* pag. 358). «E' tão facil a vida nos tropicos, tão pouca coisa é precisa para conseguir o que é necessario, que os indigenas geralmente ainda se não habituaram ao trabalho regular».

E' por isso que todos os paizes teem tentado leval-os ao trabalho por processos diversos, directos ou indirectos: temos primeiramente a considerar: os impostos (*taxation*), as leis repressivas da vagabundagem (*vagrances laws*), e contractos de prestação de serviços (*labor contracts*); e em segundo logar, a *corvée* (*forced labour*) e a escravatura, (*slavery*).

A escravatura foi abolida por todos os estados civilizados e tambem o foi por Portugal. Se nos nossos territorios a lei é transgredida, os seus transgressores são logo rigorosamente castigados; e do mesmo modo procede a poderosa Gran Breta-

the same way. Allow me to quote here a few lines from the pen of one of your countrywomen, extracted from her book:— «It must be noted, for one «thing, that Portugal was the first European nation «to tackle Africa in what is now by many people «considered the legitimate way, namely, by direct «government control. Other nations left West Afri- «can affairs in the hands of companies of merchant «adventurers and private individuals for centuries. «Nevertheless, Portugal is nowadays unpopular «among the other nations engaged in exploiting «Africa. I shrink from embroiling myself in contro- «versy, but I am bound to say I think she became «more unpopular on account of prejudice coupled «with that strange moral phenomenon that makes «men desirous of persuading themselves that a per- «son they have treated badly deserves such treat- «ment. The more powerful European nations have «dealt scandalously, from a moral standpoint, with «Portugal in Africa. This one could regard calmly, «it being in the nature of powerful nations to do «this sort of thing, were it not for the airs they «give themselves; and to hear them talking nowa- «days about Portugal's part in african history is «enough to make the uninitiated imagine that the «sweet innocent things have no past of their own, «and never knew the price of black ivory. Oh, but «that is all forgiven and forgotten, and Portugal is «just what she always was at heart, you say. Well «Portugal at heart was never bad as nations go. «Her slaving record is, in the point of humanity «to the cargo, the best that any European nation «can show who has a slaving West African past at «all. WEST AFRICAN STUDIES — *Mary H. Kingsley*».

We have to-day in use, in common with Great Britain and other countries, such contracts for labour as we consider absolutely necessary in view of the civilisation of Africa. Naturally, the contracts do force the natives to work, and if they break the terms thereof the law punishes them; and,

nha. E deixe-me V. Ex.^a transcrever aqui o que em poucas linhas diz uma sua compatriota, Mary H. Kingsley, no livro «*West African Studies*».

«Deve antes de mais nada notar-se que Portugal foi a primeira nação que desbravou a Africa «pela maneira que hoje é por muita gente considerada o caminho legitimo, isto é, pelo directo *control* dos governos. As outras nações durante seculos e seculos abandonaram os negocios da Africa «Occidental nas mãos de alguns individuos commerciantes e aventureiros.

«Comtudo apparece-nos hoje em dia Portugal «impopular entre as outras nações interessadas na «exploração do territorio africano.

«Tremo de me intrometter na controversia, mas «limito-me a dizer que Portugal se torna menos «sympathico por causa do preconceito que acompanha aquelle estranho phenomeno moral que torna «os homens desejosos de se convencerem a si mesmos de que se a uma pessoa dão mau tratamento é porque o merece. As nações mais poderosas da Europa teem sob o ponto de vista moral «tratado vergonhosamente Portugal como colonisador de Africa. Este poderia encarar com serenidade «tal tratamento, que é natural esperar das nações poderosas, se não fôra o ar que estas se dão ; ouvil-as «hoje falar do papel de Portugal na historia africana «devará os não iniciados a pensar que essas nações «innocentes não teem culpas no cartorio, e nunca «conheceram o preço do negro marfim. Oh! mas «tudo isto está perdoado e esquecido, e Portugal, «dizeis, é ainda hoje o que sempre foi de coração. «Muito bem! Portugal de coração nunca foi cruel «como as outras nações. O contingente que deu para «a escravatura, sob o ponto de vista humanitario, é «o melhor que pode mostrar qualquer das nações «europeias que tem um passado de escravatura nas «costas oeste-africanas».

Hoje, que já não ha escravatura, usamos nós, imitando a Grã-Bretanha e os outros paizes, aquelles contractos de trabalho, que julgamos ser uma abso-

as you undoubtedly know, from a strictly judicial point of view, the position of a contracted workman is very similar to that of a slave; in each case the breach of the contract constitutes an offence punishable by law. Therefore, the native workman, when legally engaged under a written contract, does not enjoy the right of immunity from compulsion as regards freedom from work. When the free worker breaks his contract he is made to pay a penalty, the amount of which is fixed by a Court of Law, and, similarly, the native is punished with imprisonment or forced labour, as provided by the law of his country, which enacts that the offence committed is thus punishable as a crime. One can therefore see that between slavery and contracted work the difference is not great, and that those who, like yourself, persist in confusing one with the other in regard to Portuguese colonies, have really very little trouble in making out a case, especially when they shut their eyes to the fact that the same condition of things, if not worse, is in force in other countries. For instance, I have seen natives in the Compounds at Kimberly guarded by police, rifle in hand, for months at a time, during which they are kept strictly confined,—external communication rigidly prevented—and for no crime whatever. You must certainly be fully aware of the fact, being posted up in all such matters; but it does not apply to S. Tomé, and therefore, apparently, is not worth your consideration. You quote the Rev. Mr. Harris as writing that he has seen at S. Tomé natives shut up in an enclosure by means of a wire fence. As if there are not in all countries where farms exist certain lands that are fenced in somehow, and as if wire-fenced enclosures were prisons from which it would be impossible to break out. Portugal does not adopt the system of enforced labour, and only the natives of Mocambique, of whose freedom Missionary Burttt speaks highly, are obliged to work eight days in every year in the cleaning of roads near their homes. But compulsory

luta necessidade, se é que queremos civilisar a Africa. Naturalmente os contractos forçam o indigena a trabalhar, e se elle, violando as suas clausulas, abandona o trabalho que lhe destinam, a lei castiga-o; ora como V. Ex.^a certamente não ignora, sob o ponto de vista juridico a situação do trabalhador contractado assemelha-se muito á do escravo, pois que a ruptura do contracto constitue um delicto que a lei pune. Portanto o trabalhador indigena, quando legalmente contractado, não gosa do direito de só trabalhar quando quer, que tem todo o homem livre, isto é, de não poder ser obrigado a trabalhar. Quando o trabalhador livre quebra o seu contracto, paga uma indemnisação que os tribunaes fixam; semelhantemente, o preto contractado, é punido com prisão ou trabalho forçado, conforme as leis do paiz, que considera a infracção commettida como um delicto.

Facilmente se reconhece, pois, que entre escravatura e trabalho contractado a differença não é grande e que áquelles que como V. Ex.^a teimam em fazer tomar uma pelo outro, nas colonias portuguezas, não será isso tarefa difficil, sobretudo quando queiram esquecer que o mesmo ou peor do que isso se dá nas dos outros paizes. A mim me succedeu ver, nos compounds de Kimberley, por exemplo, os pretos guardados por policias de espingarda ao hombro, e fechados durante mezes no acampamento d'onde se lhes não permittia sahir e onde eram conservados rigorosamente incommunicaveis com o exterior; e isso sem terem commettido crime algum. Conhece V. Ex.^a o factio, porque anda a par d'esses assumptos; mas isso não se dá em S. Thomé, e, portanto, não merece a sua critica. Só cita o reverendo Mr. Harris, por este ter escripto que viu pretos fechados nas roças por cercados de «alguns fios d'arame»! Como se em todos os paizes onde ha propriedades agricolas estas não sejam vedadas por qualquer forma, e como se o fio de arame fosse uma prisão instrespavel!

Não adopta Portugal o systema de trabalho for-

labour was in force, and is still to-day, in the Cameroons, at the Senegal and Dahomey, in the Belgian Congo, Indo-China, and at Madagascar, where it has been utilised in road-making and railway construction. Even in Rhodesia the system is not unknown, according to Mr. Chamberlain in his speech in the House of Commons on the 5th February, 1898. However, you, in common with some others, only see Portugal as if she alone were guilty in the matter of abuses, whereas she makes every effort to prevent them and punishes offenders. One would conclude from your words that other countries were entirely innocent. Well justified is the opinion of Miss Kingsley!

I cannot possibly believe that you can in good faith say that slavery exists to-day in the Hinterland of Angola as it did during the fifteenth century. Such an assertion can only have one answer, and that is that it is false. It is made conscientiously? I do not know, but everything leads me to think that it is not, seeing that you say that Portugal, poor and weak, cannot protect her natives. To many, I fear, such a statement will appear as justifying the violent measures that some newspapers, especially German ones, are advocating with such strong feeling, seconded by some organs of the Press in England. But only the most vile malevolence or the blindest infatuation can possibly inspire the false assertion that Portugal maintains in her Colonies slavery as it existed in the fifteenth century.

Even the small sugar plantations in Angola that have an output of not more than two thousand tons a year are brought forward and called «*sugar factories*» and represented to exist extensively in the Colony, in the effort to justify the statements as to so-called «*slave labour*.» You seem strangely to forget that contracted labour exists in the sugar plantations of Natal, Mauritius, Jamaica, Trinidad, Guiana, etc, and that they produce by its means hundreds of thousands of tons of sugar. Still these

çado, *forced labour*, e tão sómente os indigenas, em Moçambique, de que o missionario Burt diz maravilhas, são obrigados a trabalhar 8 dias por anno na limpeza das estradas perto das suas casas. Mas esse systema foi e ainda hoje é usado nos Cameroun, no Senegal, no Dahomey, no Congo Belga, na Indochina e em Madagáscar, onde foi empregado o systema da *corvée* para construção de estradas e caminhos de ferro. Até na Rhodesia não é o processo desconhecido, pois assim o diz Mr. Chamberlain no seu discurso na House of Commons em 5 de Fevereiro de 1898. Pois apezar d'isso V. Ex.^a, em côro com outra gente, clama contra Portugal como unico culpado em materia de abusos, e isto quando no nosso paiz se fazem todos os esforços para os reprimir, punindo os culpados. Das suas palavras quem quer pode concluir que as outras nações estão inteiramente innocentes. Bem justificada é a opinião de Miss Kingsley!

Não posso eu acreditar que V. Ex.^a de boa fé affirme que a escravatura existe hoje no interior de Angola como existia no décimo quinto seculo. Tal afirmação só tem uma resposta e é a de que V. Ex.^a falta á verdade. Conscientemente? Não sei, mas tudo me leva a crêr que sim, vendo que V. Ex.^a tambem diz que Portugal, por fraco e pobre, não pôde proteger os seus indigenas. A muitos convirá fazer crêr tal opinião para justificar as violencias, que os jornaes, sobretudo allemães, tanto advogam e que em Inglaterra tambem teem tido imitadores!! Mas só a mais vil maldade ou a mais cega estulticia pôde inspirar a asserção de que Portugal mantem nas suas colonias a escravatura que havia no 15.^o seculo!

Até os tristes engenhos que produzem algumas centenas de toneladas de assucar, não mais de 2:000 em toda a provincia de Angola, são denominados «*sugar factories*» para fazer crer que muitas ha na colonia e assim justificar a affirmacão do pretendido trabalho escravo, *slave labour*. Com estranheza parece esquecer V. Ex.^a que o trabalho contractado

colonies, for such a production, do not require slave labour, and yet we are told forsooth, that Angola alone, with its native population of five millions, is badly in need of slavery to enable it to turn out its 2,000 tons! True it is that you cannot show — not from any lack of desire, I am afraid — horrors at Angola such as have been practised at Putumayo. One cannot but admire your ingenuousness, as set forth in your article, when quoting the Governor General Paiva Couceiro and the newspapers which have discovered several abuses at Angola, nor your ingenuity in rushing thence to the conclusion that such abuses are permitted. But if in England people pointed out similar abuses, as shown by the statement of the Minister in the South African Union Parliament, that the mortality in some of the Transvaal mines reached such a high rate as 30 %, would you conclude that the British Government countenances and encourages such a state of things? Then as regards the newspapers, you must certainly know from your own experience that political passions often lead them to great exaggeration. The campaign against S. Tomé is an evidence of this, and the question of Chinese labour at the Rand in relation to political party tactics is another.

In reference to the Governor of Mossamedes, you attribute to him things that he never said, and forget to add that the abuses revealed were punished, and that this official was praised by the Central Government for having denounced the abuses and punished the culprits. As regards several of your other assertions I can only say that they are not true, and that you either made them with a knowledge that such was the case or that you were supplied with false information. For example, you state that a planter has inherited slaves and given them their liberty; and that, during the seventeenth century, sugar was largely cultivated in S. Tomé. Both statements are absolutely destitute of foundation and can be easily refuted. If you are really

existe amplamente nas plantações d'assucar do Natal, das Mauricias, Jamaica, Trindade, Guiana, etc., e que alli se produzem com tal trabalho centos de milhares de toneladas de assucar. Mas aquellas colonias para semelhante producção não empregam o *slave labour*, e comtudo, tratando-se de Portugal, escreve-se que só Angola, com os 5 milhões da sua população indigena, está na triste necessidade de fazer escravatura para produzir 2:000 toneladas! Verdade é que apesar de todo o seu bom desejo, V. Ex.^a não pode também, não por falta de vontade, estou certo, mostrar que em Angola se dão os horrores que ha pouco se demonstrou terem sido praticados pelas companhias de Putumayo.

E ninguem pode deixar de admirar a ingenuidade de V. Ex.^a quando se refere no seu artigo ao ex-governador geral Paiva Couceiro e a varios jornaes, por censurarem varios abusos de Angola, tirando d'ahi como conclusão que elles são permitidos. Mas porque em Inglaterra se citam abusos de igual especie, porque o Ministro da União diz no Parlamento que a mortalidade no Transvaal chega em algumas minas a ser de 30 0/0, concluirá também V. Ex.^a que o governo Britannico protege esses horrores ou os permite? E, quanto a jornaes, V. Ex.^a sabe ou deve saber, por experiencia propria, que as paixões politicas levam a grandes exaggeros; prova-o a campanha contra S. Thomé e a questão do trabalho chinéz nas minas do Rand, a que os motivos de politica partidaria não foram estranhos.

Refere-se V. Ex.^a ao governador de Mossamedes attribuindo-lhe o que elle não disse; mas esquece-se de acrescentar que outros abusos por elle revelados foram punidos, e que o governador foi elogiado por os ter reprimido e castigado.

A varias outras affirmações de V. Ex.^a só ha a responder que não são verdadeiras e que as fez enganado ou sabendo que eram falsas. Assim, diz que certo plantador herdou escravos e que lhes deu a liberdade. Que nos meados do seculo 17 o assucar era *largamente cultivado* em S. Thomé.

writing in good faith and honesty you are bound to give the proofs of such assertions.

Repeatedly you state that slavery is practised in Angola in order to recruit natives for work at S. Thomé. I can affirm that this is not true, for the simple reason that for the last three years no natives from Angola have been obtained for S. Tomé, and this can be verified from the reports of the British Consul there. You are following a wrong track; you should state instead that «*slavery*» is now being effected at Mozambique, where recruiting for labour in S. Tomé is proceeding. Pray do not hesitate—say it. You say that the boys sent from Angola to S. Tomé were slaves. — «*They were not called slaves, but serviçaes, contracted labourers. A solemn farce,*» etc. There is no doubt, and I again say it, that there have been abuses, and serious ones too. I will not deny some errors in the past, for to do so would be to fail to recognise the facts. But what I protest against and regard as a glaring injustice, repugnant to every man, is that the accusations increase *pari passu* with the efforts that Portugal is making—and at the sacrifice of her interests in her brightest colonies—to do away with such abuses. You refer to the Rev. Mr. Harris, who in his contribution to «*The Contemporary Review*» gives one to understand that he passed a long time at S. Tomé. As a matter of fact he was there only two and a half days. He had no knowledge whatever of the language of the country, and only communicated through a boy as his interpreter, with some of the local natives whom he surreptitiously interviewed. Yet with such meagre information he has not hesitated to join his voice to those of the slanderers of Portugal! Everybody who has ever had any dealings with natives knows that they always try their best to answer the questions of a white man in the manner they deem the most likely to meet his wishes, with a view of getting a better «tip». Moreover, such answers are trans-

Ambas as afirmações são absolutamente destituidas de fundamento, e facil será provar o contrario, caso o não sejam. Se V. Ex.^a honestamente está escrevendo de boa fé, deve adduzir as provas do que diz, sob pena de poder justamente ser accusado de faltar á verdade.

Teima V. Ex.^a em dizer que se faz escravatura em Angola para recrutar pretos para S. Thomé. Eu posso garantir-lhe que isso é menos verdade, pois que, como dizem os relatorios do consul britannico, de ha tres annos a esta parte não vão para S. Thomé indigenas de Angola. V. Ex.^a está errando o caminho; deveria antes affirmar que se está fazendo agora escravatura em Moçambique, onde actualmente se recruta gente para S. Thomé. Não hesite; faça-o.

— «Não lhes davam o nome de escravos, mas de *serviçaes, operarios contractados*. Uma solemne farça! etc.» — Não ha duvida, repito-o, que se commetteram abusos e abusos graves em Angola: não serei eu quem o negue, porque seria contradizer os factos. Mas contra o que me insurjo, o que eu entendo uma revoltante injustiça que deve repugnar a todo o homem de bem, é ver recrudescerem as accusações *pari passu* com os esforços que está envidando o governo de Portugal, com sacrificio de uma das suas mais ricas colonias, para acabar com os abusos que foram commettidos.

Refere-se V. Ex.^a ao reverendo Mr. Harris que no seu artigo para o *«Contemporary Review,»* dá a entender que passou largos tempos em S. Thomé. Ora a verdade é que elle não chegou a estar ali tres dias, nada sabia da lingua do paiz, levava um preto como interprete e por meio d'elle interrogou ás escondidas alguns dos indigenas. E foi com esta magra bagagem que elle não hesitou em juntar a sua voz á dos diffamadores de Portugal! Não ha ninguem que tenha lidado com indigenas que não saiba que estes, sendo interrogados por um branco, respondem conforme pensam que mais agrada a este, para receberem maior *saguate* e

lated by an interpreter who desires to please his employer.

In your bitter language you state: «*The planters had begun to recruit in Mozambique under better conditions—virtually free conditions.*» Either I know very little of English, or the words «*virtually free*» were not placed here by an innocent accident, and therefore I beg leave of the author to quote a few lines of a letter to me from Mr. Burt. He says:—

«Living as I have done some eighteen months under the shadow of *enforced labour* in Angola and S. Tomé, I cannot tell your Excellency the joy it was to me to find freedom and good government in your Province of Mozambique,» etc. Therefore you can see that in Mozambique the recruiting conditions may be taken really as free conditions.

You desire that we shall undertake the obligation to cease recruiting operations in regard to boys for S. Tomé. You say: «*No undertaking has been given that shipments would not be resumed.*» But why, and with what justice, can anybody ask for it? It is not, surely, against the plantations of S. Tomé, or against their prosperity, that you raise your voice, and if recruiting is done honestly and on proper lines, why ask us to stop it? Should you wish to see something comparable with the slavery boats of old you need not go far, and you will be able to ascertain that those ships are bound for colonies that you know, and that I do not wish to name.

When one does not observe the truth it is at least desirable that he should do it intelligently. When referring to the Judge of Principe, you quote his assertion that at the end of their contracts only 53% of the boys engaged were alive; and you contend that if, as has been stated, the rate of mortality at S. Tomé is 20% during a five years' contract, there ought not to be any alive at the end of that period. It is easy to arrive at the same conclusion, if I use the same erroneous reasoning that,

ainda mais se as respostas são traduzidas por interprete que quer agradar ao patrão.

Na sua linguagem malevola V. Ex.^a diz: «*the planters had been recruiting in Mozambique, under better condictiones — virtually free condictiones*»; ou eu conheço pouco o inglez ou a phrase *virtually free* quer ter um sentido que não é innocente; e por isso me permitto transcrever aqui, pedindo licença ao autor, uma parte de uma carta de Mr. Burt, em que me diz «Vivendo como eu tenho vivido ha uns 18 mezes á sombra do trabalho forçado, em Angola e S. Thomé, não posso deixar de significar a V. Ex.^a a alegria que senti ao encontrar na provincia de Moçambique um governo bom e livre,» etc. Portanto já V. Ex.^a pode ver que em Moçambique as condições de recrutamento são — *really condictiones free*, condições realmente livres.»

Pretende V. Ex.^a que nós tomemos a obrigação de não recrutar em Angola mais pretos para S. Thomé. — «Nenhuma medida ainda se adoptou para cessar o embarque dos pretos.» — Mas porquê e com que justiça pode alguém ter essa pretensão? Não é contra as plantações de S. Thomé, nem contra a sua prosperidade que V. Ex.^a se insurge, e portanto desde que o recrutamento é feito honestamente e nos devidos termos, porque é que pede que paremos com elle? Se V. Ex.^a quer ver coisa parecida com os antigos navios transportando escravos, não tem que ir longe, pois facilmente pode certificar-se de que esses vão mas é para colonias que V. Ex.^a conhece e que não quero citar.

Quando se falta á verdade, deve procurar-se, ao menos, fazel-o habilmente. Quando V. Ex.^a se refere ao juiz do Principe invoca a sua affirmação de que no fim dos respectivos contractos, não restavam vivos senão 53 0/0 dos pretos contractados. Ora se a mortalidade é de 20 0/0, como V. Ex.^a insinuou e os contractos eram por cinco annos, no fim d'esses contractos não devia viver preto algum. Facil me é chegar a esta conclusão se eu usar do mesmo raciocinio, para effeitos theatres,

for theatrical effect, you employ, when you say that out of the thirty thousand natives at S. Tomé none will be alive at the end of ten years, as the rate of mortality is 10%. However, Portugal has begun the repatriation from S. Tomé to Angola, and hence your discomfiture. Up to now the complaint has been that there was no repatriation, the Government having merely forbidden further recruiting. Now that repatriation has begun there would seem to be no further ground for growling. But, such, apparently, is not the result. You seem to insist on the Government freeing the boys who are legally engaged and are not and never have been slaves, and, further, that they shall be transported to Angola and established in places previously arranged for. For you this simple course is sufficient. It amounts to this: to please you the Government should ruin the Colony of S. Tomé by taking from it thirty thousand natives who are performing useful and light work, who are well fed and well looked after, and paid at Angola, the Government to provide food and shelter for such agglomeration, who are to remain in complete idleness. Natives left to themselves never willingly do any work, and as the Government would have none to give them at Angola, and would therefore refuse to feed them, no doubt you would accuse it of ruling them under a system of wholesale starvation. Should the Government give them any labour you would naturally not fail to accuse it of practising slavery. Is this what you are aiming at? I am glad to feel that if such is your ambition nobody in the wide world will side with you, and, moreover, if Portugal would submit herself to such an imposition she would well nigh deserve to disappear from the list of free States. That the boys in S. Tomé are well looked after nobody can deny; everyone who has been there vouches for it — your own Agent included. This fact is not, forsooth, as one would think, the natural consequence of the Portuguese being opposed to wanton cruelty, but because — *«Treatment at least as good as a stock*

que V. Ex.^a emprega quando diz que dos 30:000 pretos de S. Thomé nenhum existirá no fim de 10 annos, visto a mortalidade ser de 10 %.

Mas a verdade é que Portugal começou a fazer a repatriação de S. Thomé para Angola, e d'ahi o desespero de V. Ex.^a.

Até agora a principal origem de accusações contra nós era o não repatriarmos os serviçaes, visto o governo ter suspenso o recrutamento em Angola. Agora que a repatriação começou, parece não deveria haver razão para mais accusações. Mas não.

Parece que V. Ex.^a insiste em que o governo portuguez tome conta dos pretos, que estão legalmente contractados e não são escravos, nem nunca o foram, e os leve para Angola, estabelecendo-os em locaes para isso organisados. Basta-lhe isso. Quer dizer: o governo portuguez, para satisfazer a sua vontade, ha de arruinar a sua bella colonia de S. Thomé, levando d'alli 30:000 indigenas que lá estão executando um trabalho leve, bem tratados e pagos. Em Angola teria de os alimentar sem nada fazerem, porque o preto, como é sabido, por si só não trabalha de vontade; ora se o governo não lhes desse de comer deixando-os ociosos, seria accusado de os matar á fome, e se os fizesse trabalhar, não deixaria V. Ex.^a de o acusar de fazer escravatura!

São essas as aspirações de V. Ex.^a? Pois se é isso o que pretende, creio que ninguem no mundo lhe dará razão, e se Portugal a tal imposição se submettesse, merecia desaparecer da lista das nações livres.

Ora que os pretos em S. Thomé são bem tratados, não ha ninguem que o negue; confessam-no todos, inclusivé o proprio agente de V. Ex.^a. Mas esse facto segundo os seus dizeres, não se dá, como alguém poderia pensar, por serem os portuguezes naturalmente avessos a crueldades, mas porque lhes convem dar aos indigenas «um tratamento pelo menos tão bom como um proprietario applica ás suas manadas ou a qualquer especie de animaes de valor

farmer would mete out to his cattle, or to any other valuable beast in his stud, is palpably required in the farmer's own interest.» One would think that the English companies at Putumayo — where you may have an interest — had the same interested motives, especially when they use their philanthropy to the length of hanging boys when they proved themselves slow in collecting india-rubber! Do you really consider that you are treating the White Book now published with the impartiality worthy of an honest man? People who read your letter in the «*Nineteenth Century*» may judge it. Compulsory repatriation itself is against the liberty of the native; I do not know any part of the world where it is established by actual law.

The contracts with natives have always been public, for they are drawn up at the public and official offices. This is the reason that the law does not provide that these contracts shall be made public, but only those that are privately made on the plantations. Thus, you see, you have no ground whatever for the objections you raise under this head.

Women with children under seven years of age cannot be contracted for without the condition that they take them with them. You seem to think this an amusing provision, but you would not fail to call it cruel if the law allowed the children to be separated from their parents. Consul Mackie is, according to you, «*a rigorous censor of the law and an unceasing protector of the natives*». The inference is that the same description does not apply to his substitute. You do not dare to openly affirm it, but, nevertheless, in a roundabout way, allow it to be inferred that the Consul has gone from S. Tomé on account of his rigorous attitude towards Portugal and his humane treatment of natives, and you state, further, that he made some awful declarations — «*Crushing analyses and exposure from Mr. Mackie*», are your words — and in this connection you use the reports of Consul Mackie in describing the journeys of the natives from the Hinterland to

que tem nas suas estrebarias, e manifestamente por interesse do proprio».

Em vista d'esta affirmação é de pensar que as companhias do Putumayo, onde talvez V. Ex.^a seja accionista, e que lá colhiam borracha, não tinham os mesmos *principios interesseiros*, principalmente quando levavam a sua philantropia ao ponto de enforcarem os indigenas que trabalhavam pouco!

E quando V. Ex.^a trata do White Book, agora publicado, pensará V. Ex.^a que lealmente o faz com a imparcialidade digna de um espirito honesto? Que o diga quem ler a sua carta para o *Nineteenth century*.

A propria repatriação obrigatoria é attentatoria da liberdade dos indigenas. Não conheço eu onde ella esteja estabelecida pelas leis em vigor. Os contractos de serviçaes foram sempre feitos publicamente porque publicas são as repartições onde se fazem; é por isso que a lei não estabeleceu que fossem publicos esses contractos, mas sim apenas os re-contractos que podiam ser feitos nas plantações, e que portanto poderiam não ter a precisa publicidade. Já vê V. Ex.^a que caem pela base as suas observações a este respeito.

As mulheres com filhos menores de sete annos não pôdem ser contractadas sem a condição de os levarem comsigo; acha V. Ex.^a isto digno de mofa, como de certo lhe chamaria crueldade se a lei consentisse serem os filhos separados dos seus paes.

Accrescenta que o consul Mackie é um rigoroso censor da lei, um protector desvelado dos indigenas dando com isso a entender que tal facto concorreu para sahir de S. Thomé para ser substituido por outro que não vale grande coisa. Não affirma, mas deixa nebulosamente antever que Mr. Mackie sahiu em vista da sua rigorosa attitudo para com Portugal e do seu humano tratamento para com os serviçaes. E, ainda, junta que elle affirmou coisas terriveis, nada menos do que «analyses e revelações esmagadoras».

E aqui volta V. Ex.^a a servir-se dos relatorios do

the Coast, under conditions which would certainly be dreadful, were they true. But you do this notwithstanding the fact that you are quite aware that during the same year, 1909, no boys came from Angola into S. Tomé(*). *En passant*, you miss no opportunity of saying that the Curator earns £ 1 for every contract, although you know that the law of 25 th May, 1911, forbids him to receive any sum. The statement that you are given to understand that the offspring of labourers who are repatriated are forced to remain at S. Tomé is misleading the public. Full publicity has been given to the order of the Government enacting the repatriation of the children (of the prescribed age) of boys who are repatriated, and this in spite of their wishes to remain in the island. In face of such glaring mis-statments how can any unbiassed man believe your assertions are made in good faith?

When Sir E. Grey uttered a few words of praise about our new laws, you at once accused him of ignorance:—«*Sir E. Grey has hardly grasped the fundamental character of the problem.*» Now, Drummond Hay has visited the island and from what he has actually seen he corrects many of your assertions. Therefore, you do not spare your criticisms on him:—«In some respects his despatch is not a happy document»; he questions the services through an interpreter»—that is to say he cannot properly understand them. But the trustworthy Mr. Harris, who was at the island two and a half days, used an interpreter too, and one who imperfectly understands the Angola language. However, his interpretations are to be accepted without a shadow of doubt, and you to not deny yourself the pleasure of quoting him at random.

There is a startling point that you notice in the despatches of Consul Hay, which is as follows:

(*) Except a few *quillengues*, as stated in my report, already alluded to, presented to the Minister of Colonies.

consul Mackie, a descrever as viagens dos *escravos* do interior para a costa, com episodios que seriam horriveis se fossem verdadeiros, e isto tudo apesar de saber perfeitamente que desde 1909 nenhuns indigenas foram de Angola para S. Thomé (*). E não perde, de passagem, a occasião para repetir que o curador recebe £ 1 por cada contracto, apesar de estar ao facto de que a lei de 27 de Maio de 1911 prohibiu que elle recebesse qualquer quantia.

Quer além de tudo dar a entender que os filhos dos repatriados são forçados a abandonar os paes e a ficar em S. Thomé, quando tal se não dá, e quando bem larga publicidade teve a ordem do governador para obrigar a repatriar os filhos maiores dos pretos que eram repatriados, e alguns dos quaes, aliás, queriam ficar na ilha!

Ora como é que á face d'isto quer V. Ex.^a que qualquer homem de bem o julgue de boa fé!

Se sir Edward Grey teve, como realmente teve, algumas palavras elogiosas para as novas leis por nós promulgadas, logo V. Ex.^a o apoda de ignorante «Sir Edward Grey não apanhou o character fundamental da questão»!

Mais: o consul Drummond Hay vae visitar a ilha e, levado pelo que vê com os proprios olhos, desmente muitas das asserções de V. Ex.^a; mas V. Ex.^a que por nada se desmancha, apressa-se a bradar que a nota d'aquelle funcionario «não é em certo modo um documento feliz» porque encarou o problema «apenas pela bocca de um interprete, não podendo por isso entendel-o facilmente».

Verdade é que o authentico Mr. Harris esteve na ilha dois dias e meio, levando um interprete tambem, que mal entendia a lingua de Angola; e entretanto as affirmações do dito Mr. Harris não soffrem a menor duvida da parte de V. Ex.^a, que até o cita com prazer.

(*) A não ser alguns poucos quillengues, a que se refere a exposição feita ao ministro das colonias e a que esta carta se reporta.

«There is not doubt that the question of the re-
«patriation of these serviçaes to Angola is a most
«difficult one. In the event of any of them beeing
«repatriated and landed at Benguella or Loanda they
«would be at a loss to know where to go, and
«would no doubt eventually be caught by their own
«people, robbed, and sold again as serviçaes before
«they could proceed far up country.»

From this you jump at once to terrifying con-
clusions; and yet what are the deductions to be
taken from it? Boys arriving from S. Tomé with
money, strangers to the place at which they land,
follow a course well known in relation to niggers
who are possessed of money and they are ocasio-
nally robbed by other natives, and soon come as-
king to be re-engaged. Precisely the same thing
occurs with natives returning from the Transvaal;
they get rid of every penny on the way, and re-
engage themselves again as soon as they cross our
border. Unless we sent an escort for every boy re-
turning to his home at Angola it would be impos-
sible to prevent such things happening, owing to
the ways of young natives, which are well known
to everyone who has had any experience of them.

Harmand refers to this in his book «*Domina-
tion et Colonisation.*» He says:—«In fact, even
when he gets any gains, he cannot keep them. He
must quickly spend them at gambling, drink, ri-
tual ceremonies, or articles of fashion, etc». The
very same thing applies to the boys returning from
Angola, and it is with the knowledge of these fac-
ts that Consul Drummond Hay has written. It is
curious, indeed, that in many respects the writings
of the same Consul are not at all acceptable to
you; but so truthful, you call them, when they
happen to be in agreement with your trend of
thought and to suit your case.

Referring to sleeping sickness in the Principe,
you seem to forget that the Portuguese Government
has taken such measures that fatal cases are now
quite rare. But it is not worth while to pursue

Ha uma tremenda passagem notada por V. Ex.^a no relatório do consul Hay, que é quando elle assim se expressa:

«Que a questão da repatriação d'estes serviços para Angola é das mais difficeis, não ha duvida nenhuma. No caso de alguns d'elles serem repatriados e desembarcados em Benguella ou Loanda, ver-se-iam embaraçados em saber para onde ir, e seriam á certa agarrados pela sua propria gente, roubados e até novamente vendidos como serviços, antes de conseguirem chegar ás terras da sua naturalidade».

D'aqui tira V. Ex.^a horripilantes conclusões. E comtudo, o que é que d'aqui se póde concluir? Que os pretos voltam de S. Thomé com dinheiro, estranhos á terra onde desembarcam, e, com o feitiço que tem o preto que se encontra com dinheiro, é roubado pelos seus, isto é, pelos outros indigenas e levado a recontractar-se como serviçal, por isso que se lhe acabou o dinheiro que juntára. O mesmo, exactissimamente o mesmo que succede com os nossos pretos vindos do Transvaal, os quaes pelo caminho veem, no regresso, despendendo tudo quanto trazem e por isso, ao chegarem á nossa fronteira, novamente se contractam.

A não ser que se mandasse uma escolta para cada preto que regressa a sua casa em Angola, seria impossivel evitar esses factos, resultado do seu modo de ver infantil e que todos conhecem.

Hermand o refere no seu livro «*Domination et Colonisation*», quando diz: «De resto, se elle arranja algum dinheiro, não o conserva. Gasta-o no jogo, na devassidão, em festas rituaes, em objectos de *toilette*, etc.» E' o que succede aos pretos regressados a Angola.

E é com o conhecimento d'estes factos que escreveu o consul Mr. Drummond Hay. Ora é curioso que os escriptos d'esse consul não sejam para V. Ex.^a de aceitar, a muitos respeitoes, quando o são,

the subject here, as in the report presented by me to the Minister of Colonies (copy enclosed) I have dealt with it at some length, and it is referred to in the White Book.

As you lay so much stress on the subject of the compulsory repatriation of natives, I may ask why is it not compulsory to repatriate the natives recruited in Mozambique to work in the Rand Mines, where during the last six years over 60.000 of them have remained? Your astonishment at the fact that the repatriated natives have brought but little money back with them must still be greater, knowing, as you do, that the employed natives before 1903 always received their pay in full, and consequently had nothing to receive. Exactly the same thing happens with the Portuguese natives who come back after their engagement in the Transvaal; and in vain, up to the present time, has Portugal requested that part of their salary shall be paid in the Province of Mozambique. In all your statements you play on conditions that are past and not at the present time prevailing, mixing past and present up in such a way as to mislead the readers.

The unfair way in which you allude to the White Book is obvious, keeping back anything favourable to us and thus leading up to conclusions which are conducive to your case. Even the fact that the authorities in the Colony, in the local «*Official Gazette*,» draw attention to the imperfections of the hospital system, with a view to provide better accommodation and improvements, is used against us, whereas it rather proves my contention, namely, that we are endeavouring to carry out improvements in all branches, and do away with everything that is detrimental to this object. The results of our efforts, as set forth in the White Book, are vitriolic to you, and you add that the recruiting begun in November at Angola is «*apparently*» being made under the old system, although you know what is going on in S. Tomé, and that such statement is utterly at variance with the truth.

aliás, por outro lado, sempre que o que elle diz lhe serve para os seus fins ou intenções...

Referindo-se á doença do somno no Principe, esquece V. Ex.^a que o governo portuguez tem adoptado medidas tão acertadas que hoje os casos de morte são rarissimos.

Mas não vale a pena insistir muito porque no relatorio que fiz ao sr. Ministro das colonias, e de que junto uma copia, largamente me refiro ao White Book. Insiste, porém, V. Ex.^a na repatriação obrigatoria; mas porque não foi ou é ella obrigatoria para os indigenas que vão de Moçambique para as minas do Rand e dos quaes ali ficaram, em seis annos, mais de 60:000?

Espanta-se V. Ex.^a com o facto de os trabalhadores repatriados levarem pouco dinheiro, apesar de saber que os recrutados antes de 1903 sempre receberam os seus salarios por inteiro, não tendo por isso mais dinheiro a receber. O mesmo succede aos indigenas portuguezes no Transvaal ao repatriarem-se, tendo Portugal pedido baldadamente até agora que parte dos salarios lhes seja pago na provincia de Moçambique. Em tudo o que V. Ex.^a clama e pinta refere-se a factos que já lá vão e não ao presente, mas convem ao seu intuito misturar o presente com o passado, para desnortear os seus leitores em nosso desproveito.

E' obvia a má fé com que V. Ex.^a se refere ao White Book, pois occulta tudo o que nos é favoravel, tirando conclusões do que só lhe convem aos seus fins. Até o facto de as autoridades locais, no Boletim Official da colonia, apontarem defeitos da organização hospitalar para conseguirem os necessarios melhoramentos, lhe serve para nos aggreir, quando a meu ver isso somente representa o melhor desejo de nada occultar e tudo aperfeçoarmos.

Os resultados do nosso esforço constantes do White book teem para V. Ex.^a o effeito do vitriolo, e vae dizendo que o recrutamento recommçado em Novembro em Angola está *apparentemente* sendo feito pelo velho systema. Ora V. Ex.^a, que está tão

And here I will stop, as I am sick of the whole matter.

Against such bad faith, prejudice and sheer pig-headedness, argument is perfectly useless. You have great wealth gained by means of the cocoa seed, worked by the poor natives of S. Tomé and natives in other parts of this wide world, and you exploit them and the Europeans who are helping in the amassing of your fortune. You have, therefore, ample means at your disposal—money, publicity, and, in fact, everything that money can buy, and you are using these means to slander our Administration. I, on the contrary, have nothing of the kind, having all my life been working for my country and her good name, and this is not a sure means of accumulating riches. However, I do not mind your vicious attacks, which have no respect either for the truth or for the honest work of those who, knowing the evil and the abuses, are earnestly and sincerely trying to stop them and better the conditions, while ill-informed, armchair critics are putting obstacles in their way and rendering their task more difficult. Methinks you would far better serve the natives whose cause you espouse by creating in Angola, or at S. Tomé, centres of work to provide them with employment, so as to set us an example and be a model to us.

Perhaps in what I have said I have spoken plainer than civility requires. If such is the case you only have to blame yourself, for if your criticisms happened to be just and unprejudiced I for one would never raise my voice against you, for I confess that there are many things in Angola and S. Tomé that are open to improvement. As it is, it is very irritating to me to see that the efforts we are making, with sincerity and good will, to better the condition of things are persistently ignored, or falsely represented and treated with contempt.

To Mr. William A. Cadbury. — 10 Eastcheap. — LONDON E. C.

Lisbon, 30 th December 1912.

A. FREIRE D'ANDRADE.

bem informado do que em S. Thomé se passa, sabe bem que isso é redondamente falso.

E fico por aqui porque me repugna continuar. Contra a sua má fé ou preconceito ou contra esse pertinaz *parti pris* não ha que lutar. Tem V. Ex.^a grande fortuna ganha com o cacau dos pobres pretos de S. Thomé e de tantos outros que trabalham por esse mundo fóra, e tanto os explora a elles como aos que lhe conseguiram essa fortuna enorme. Tem á sua disposição dinheiro, jornaes e todos os elementos que a riqueza pode dar e com elles procura infamar a nossa administração. Eu, bem ao contrario, não tenho nada d'isso, pois trabalhei sempre para a melhor gloria e bom nome do meu paiz e não é esse meio seguro de accumular capital; apesar d'isso não receio os insidiosos ataques de V. Ex.^a, que nem respeitam a verdade, nem respeitam o trabalho honesto de quem, conhecendo os males e os abusos, procura sinceramente dar-lhes remedio que os criticos de molde dos de V. Ex.^a apenas veem difficultar.

E nada mais. Penso que V. Ex.^a serviria bem melhor os indigenas que pretende proteger creando em Angola ou em S. Thomé nucleos de trabalho onde os recebesse, e empregasse, dando-nos assim um exemplo e um modelo de melhor administração.

Talvez no que digo tenha sido mais aspero do que a civilidade permite. Mas se assim fôr, queixe-se V. Ex.^a de si mesmo, pois que se as suas criticas fossem limitadas ao que é justo, e realmente muito temos em Angola e S. Thomé que melhorar, nada teria que exprobar a V. Ex.^a; mas em verdade muito mal me dispõe o não se quererem reconhecer os esforços que estamos fazendo com sinceridade e boa vontade em acabar com abusos que condemnamos, e verificando pelo contrario que á nossa persistente preocupação em melhorar os males que existiam corresponde um redobrar de accusações infundadas e injustas.

Ao Ex.^{mo} Sr. William A. Cadbury. — 40 Eastcheap. — LONDON, E. C.

Lisboa, 30 de Dezembro de 1912.

A. FREIRE D'ANDRADE.



Se
21460

